



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM MATEMÁTICA**

MIRELLE DA COSTA SANTOS

**O TEMA EDUCAÇÃO SEXUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA
NA CIDADE DE MONTEIRO-PB: DESAFIOS, REFLEXÕES E
POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA**

**MONTEIRO
2022**

MIRELLE DA COSTA SANTOS

**O TEMA EDUCAÇÃO SEXUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA
NA CIDADE DE MONTEIRO-PB: DESAFIOS, REFLEXÕES E
POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à coordenação do curso de Licenciatura em Matemática do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais para a obtenção do título de Graduado no Curso de Licenciatura Plena em Matemática.

Área de concentração: Educação Matemática

Orientador: Prof. Ms. Flávia Aparecida Bezerra da Silva

MONTEIRO

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237t Santos, Mirelle da Costa.

O tema educação sexual na educação básica na cidade de Monteiro-PB [manuscrito] : desafios, reflexões e possibilidades para o ensino de matemática / Mirelle da Costa Santos. - 2022.

41 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Matemática) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Flávia Aparecida Bezerra da Silva , Coordenação do Curso de Matemática - CCHE."

1. Educação Sexual. 2. Temas Transversais. 3. Educação Matemática. 4. Educação Básica. I. Título

21. ed. CDD 510.7

MIRELLE DA COSTA SANTOS

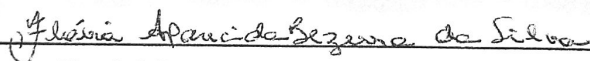
O TEMA EDUCAÇÃO SEXUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA NA
CIDADE DE MONTEIRO-PB: DESAFIOS, REFLEXÕES E
POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado
à coordenação do curso de Licenciatura em
Matemática do Centro de Ciências Humanas e
Exatas da Universidade Estadual da Paraíba,
em cumprimento às exigências legais para a
obtenção do título de Graduado no Curso de
Licenciatura Plena em Matemática.

Área de concentração: Educação Matemática

Aprovada em: 16/12/2022.

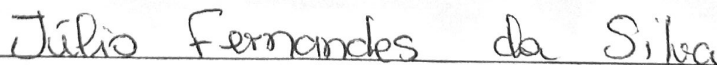
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Flavia Aparecida Bezerra da Silva
Orientador



Prof. Ms. Francisco Guimarães de Assis
Examinador externo (Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia da
Paraíba/SEECT-PB)



Prof. Júlio Fernandes da Silva
Examinador interno (CCHE/UEPB)

*“Protege-me como a menina dos teus olhos, esconda-me na sombra das Tuas
asas”(Salmos 17:8). Dedico este trabalho ao meu eu de 4 anos de idade, que mesmo
sentindo repulsa não sabia como reagir.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer a força superior que me sustentou nos momentos em que me senti sozinha e em meio ao desespero me deu paz, que me mantém com forças além das naturais para continuar muito além do existindo, mas sempre buscando VIVER e que em momentos de fraquezas me mostrou esperança e me deu motivos para acreditar e ter fé em dias melhores e em um propósito maior.

Agradeço a mim mesma, que em múltiplas vezes me encontrando em extrema solidão, devastada e perdida dentro de mim mesma, encontrei razões para continuar, para sempre buscar melhorar, como individuo buscando todo dia me tornar humanizada e tendo como foco ser sempre mudança, para que assim eu nunca seja, apenas esteja e que quando for pra ser, que eu seja metamorfose.

Mais do que agradecer, pois apenas isso não seria suficiente para definir tudo o que minha mãe Maria José da Costa fez por mim e por minha irmã, uma mulher que sofreu para nos criar assim como a guerreira que é, que sempre nos incentivou a estudar e que jamais nos desestimulou, pois com o pouco acesso a Educação Básica é dona de uma sabedoria sem igual, onde sempre reconheceu a educação como a nossa maior riqueza, pois como ela mesmo diz: “Educação é a única coisa que podemos levar conosco aonde formos”.

Gratidão a minha irmã/mãe Michelle Adeilma da Costa Silva que mesmo nós duas sendo tão diferentes em opiniões, visão de mundo e formas de agir, somos idênticas em essência, a qual eu me espelho e a qual também foi o motivo da minha escolha pela graduação de Licenciatura Plena em Matemática; foi difícil fugir do clichê de espelhar-se nos irmãos mais velhos, quando a irmã mais velha é tão incrível.

Gratidão a minha tia “Menão”, ao meu tio “Zeca” e a minha madrinha “Déi” por terem sido a minha família, que mesmo não sendo meus parentes biológicos foram e são a melhor família que eu poderia ter, dentre os presentes que ganhei, a minha família atípica foi um dos melhores, posso dizer que fui imensamente abençoada com uma segunda casa, com um lar! Cheio de amor e mimo, que muitas vezes me defendiam até mesmo quando eu estava errada.

Agradeço a minha prima Maria Vanessa da Silva Costa pelo privilégio de ser a irmã mais velha que ela não teve, mas mais ainda por ela ser meu colo, meu ombro, meu auxílio e meu consolo por diversas vezes durante a minha vida, que sendo curta também foi bastante sofrida, por ter estado comigo nos momentos mais difíceis da minha vida, por ter sido o abraço que eu mais precisava no meu luto e o apoio que eu necessitava no meu medo.

Gratidão ao meu cunhado Railson Batista de Sousa por ser a melhor presença

masculina que surgiu em minha vida, que além de dividir a vida com a minha irmã e cuidar extremamente bem dela, é o irmão que não tive o prazer de conviver, que com todo o jeito menino e com todas as brincadeiras melhora a energia de todos em sua volta.

Agradecer a Diego Jonathan Bezerra Silva e Débora Helloysa Florêncio da Silva Passos, que são muito mais do que colegas de sala, se tornaram meus amigos, que ao retornar para universidade depois de um longo ano longe dela, longe de mim mesma, foram e são integrantes importantes em minha vida, os quais quero levá-los comigo por toda minha vida, estar presente em suas conquistas assim como quero que estejam presentes nas minhas.

Agradecer ao meu pequeno príncipe, ao meu anjo, ao meu primeiro e um dos meus maiores amores, meu primeiro namorado Rosivaldo Moreira de Freitas, que mesmo não estando mais presente entre nós, mesmo sendo a minha maior perda, foi a maior dádiva conhecer, conviver, amar e ser amada por o ser humano mais lindo e puro que pude dividir os seus últimos dias, que em vida me mostrou o que era o verdadeiro amor e em morte me ensinou a continuar, a lutar e principalmente a não desistir; por mim, por ele, por nós.

Agradeço aos membros da banca, professor Francisco Guimarães de Assis e ao professor Júlio Fernandes da Silva, pela disponibilidade e todas as contribuições para o trabalho.

Por fim, agradecer a minha professora/orientadora Flávia Aparecida Bezerra da Silva, por ser o ser humano incrível e humanizado que tive o prazer de conhecer, que antes de ser uma professora é uma educadora impar e sem igual, a qual espero ter a honra de poder permanecer tendo vínculo além da Universidade Estadual da Paraíba e que por onde eu passar, que eu deixe um pouco dos ensinamentos que adquiri durante suas aulas.

“A sabotagem do ensino, a desinformação, a narcotização pelas mídias e a violência contra os pobres de grana são planejadas, comandadas, executadas e consentidas pelos pobres de espírito.”
(Eduardo Marinho)

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito abordar o tema Educação Sexual, mais especificamente acerca da presença do mesmo dentro das escolas da Educação Básica, em especial no Ensino Fundamental Anos Finais e Médio, com o indispensável compromisso perante à construção e o desenvolvimento integral do indivíduo como parte do meio social com deveres, quanto como ser individual/participante com direitos. Fazendo isso, temos a intenção de analisar se o tema tem sido abordado por professores de escolas da cidade de Monteiro - PB, tecemos reflexões a partir dos dados estatísticos analisados e buscar apresentar possibilidades para a inserção do tema Educação Sexual em aulas de matemática, utilizando-se dos PCN¹ e da BNCC².

Palavras-chave: Educação Sexual. Temas Transversais. Educação Matemática. Educação Básica.

¹ Parâmetros Curriculares Nacionais

² Base Nacional Comum Curricular

ABSTRACT

This work aims to address the theme of Sexual Education, more specifically pay attention to its presence in Basic Education schools, especially in Elementary School, Final and Middle Years, with the indispensable commitment to for the construction and integral development of the individual as part of the social environment with duties, as well as being an individual/participant with rights. By doing this, we have the I intend to analyze if the theme has been satisfactory by the teachers of the schools of the municipality of Monteiro - PB, we weave reflections from the statistical data analyzed and seek to present to identify possibilities for the inclusion of the theme of Sexual Education in mathematics classes, using NCP³ and from NCCB⁴

Key-words: Sex Education. Transversal Themes. Math Education. Basic Education.

³ National Curriculum Parameters

⁴ National Common Curriculum Base

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Professores de Matemática e a Educação Sexual	26
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – IST's NO BRASIL: Estimativas Anuais de Transmissões	18
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados da Amostra Utilizada	23
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	EDUCAÇÃO SEXUAL: POR QUE DEVE ESTAR NA SALA DE AULA?	16
2.1	Gravidez precoce/indesejada: Problemas acarretados	17
2.2	IST's: Uma responsabilidade de todos.	18
2.3	Informação = Direito	20
2.4	Fake News: Uma disseminação de ódio	21
3	O TEMA EDUCAÇÃO SEXUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA E OS PROFESSORES DE MATEMÁTICA	22
3.1	Análise da pesquisa	34
4	EDUCAÇÃO SEXUAL E ENSINO DE MATEMÁTICA: UMA LIGAÇÃO POSSÍVEL?	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Os documentos oficiais para educação básica, em especial, os PCN desde o ano 1997 apontam a importância de abordar temas transversais entre os quais está o assunto orientação sexual. Compreendemos a importância de uma ampliação do tema em sala de aula, em especial abordando o tema educação sexual. Preocupamo-nos em saber se o tema está presente na educação básica e especialmente buscamos trazer reflexões e possibilidades sobre como abordar o tema em aulas de matemática.

Espera-se que este trabalho, influencie discussões reflexivas sobre implementações de mudanças para um possível avanço na sociedade, que o visto como tabu seja enxergado como realmente é, extremamente necessário, pois os dados estatísticos, por exemplo de gestação em idade imprópria e abuso sexual aumentam diariamente de modo drástico, onde a negligência com os fatos faz-se perpetuar situações de calamidades que poderiam ser evitadas com conhecimento, além de mostrar o ensino da matemática como participante da área social, uma vez que por meio dela podemos estudar, analisar, comprovar ou verificar assuntos diretamente ligados ao social coletivo e individual.

Tendo como objetivo geral analisar se o tema educação sexual tem se feito presente na educação básica, em especial no Ensino Fundamental Anos Finais e no Médio na cidade de Monteiro - PB. Pretendemos a partir dos dados obtidos tecer reflexões e apontar possibilidades acerca da importância do tema em sala de aula e de como abordá-lo na disciplina de matemática.

Questionamo-nos acerca da importância do tema educação sexual nas escolas para a diminuição de casos de abusos sexuais, gravidez na adolescência, IST's¹, dentre demais outros temas, com o objetivo de evidenciar que a introdução do tema educação sexual na prática pedagógica na educação básica pode contribuir para diminuição desses indicadores.

Fazendo uso de uma pesquisa de caráter qualitativo por se tratar de uma pesquisa que de acordo com Minayo (2014) descreve o seguinte:

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2014, p.57).

Abordando o tema Educação Sexual e os motivos pelos quais deve estar presente nas salas de aula da Educação Básica apesar de se caracterizar como um desafio, na sequência apresentamos a pesquisa realizada tendo como amostra professores de matemática das

¹ Infecções Sexualmente Transmissíveis

escolas estaduais de Monteiro-PB. Trazemos por fim as reflexões acerca das possibilidades do trabalho com o tema Educação Sexual como contexto para o Ensino de Matemática.

2 EDUCAÇÃO SEXUAL: POR QUE DEVE ESTAR NA SALA DE AULA?

Nós temos os PCN's como referencial para o ensino, os quais podem ser utilizados como norteadores para os integrantes das instituições de ensino (professores, coordenadores, diretores), nestas diretrizes são apresentados os Temas Transversais, estes divididos em seis áreas a serem trabalhadas, definidas pela Hamze (2022) da seguinte forma:

[..]Ética (Respeito Mútuo, Justiça, Diálogo, Solidariedade), Orientação Sexual (Corpo: Matriz da sexualidade, relações de gênero, prevenções das doenças sexualmente Transmissíveis) , Meio Ambiente (Os ciclos da natureza, sociedade e meio ambiente, manejo e conservação ambiental) , Saúde (autocuidado, vida coletiva), Pluralidade Cultural (Pluralidade Cultural e a Vida das Crianças no Brasil, constituição da pluralidade cultural no Brasil, o Ser Humano como agente social e produtor de cultura, Pluralidade Cultural e Cidadania) e Trabalho e Consumo (Relações de Trabalho; Trabalho, Consumo, Meio Ambiente e Saúde; Consumo, Meios de Comunicação de Massas, Publicidade e Vendas; Direitos Humanos, Cidadania). Podemos também trabalhar temas locais como: Trabalho , Orientação para o Trânsito, etc.(HAMZE, 2022).

Esses temas já são resguardados na LDB¹, a legislação que regulamenta o sistema educacional público ou privado do Brasil, mas é importante evidenciar que os Temas Transversais não são componentes curriculares ou obrigatórios, mas que é de grande valia evidenciar sua necessidade, em especial a educação sexual considerando que ao observar os altos índices de gestações indesejadas, abuso sexuais, contração de IST's e estupro continuados de crianças e adolescentes, é possível analisar que a falta de acesso à educação sexual é um presumível indicador do que possivelmente dificulta o controle, e em casos mais graves a denúncia dos mesmos, além das contribuições sociais, também auxilia na construção pessoal de cada indivíduo, desde conhecer o seu corpo a identificar perigos, o que ultrapassa os limites do que é saudável daquilo que é indevido e criminoso.

De acordo com UNICEF (2021), os registros públicos fornecidos pelos conselhos tutelares e denúncias recebidas nas delegacias do nosso país, a maioria dos casos, ocorrem com indivíduos do cotidiano da criança ou adolescente, onde pode ser desde os pais até um vizinho, sendo na grande maioria das vezes difícil de identificar, pelo elo existente entre a vítima e o agressor, por isso a grande necessidade em abordar o assunto desde os anos iniciais dentro das escolas, de maneira adequada, considerando cada faixa etária de idade, pelo perfil do público alvo que é acometido por tais situações, a escola se torna uma extensão de casa, por vezes sendo o ambiente seguro da realidade de determinados indivíduos.

¹ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

2.1 Gravidez precoce/indesejada: Problemas acarretados

Vamos iniciar nossa discussão utilizando como ponto de partida a gravidez precoce, onde o Brasil é líder no ranking dos países da América Latina assim como explanado por Freitas e Santos (2020), em que a responsabilidade das incidências na maioria das vezes atinge adolescentes do sexo feminino, por todas as crenças, machismos, preconceitos e desigualdades de gênero entranhados na sociedade.

Essa situação é considerada um problema de saúde pública, em janeiro do ano de 2021 o secretário de atenção primária à saúde, Raphael Camara pontuou:

A gravidez na adolescência interrompe projetos de vida e pode causar prejuízos econômicos e sociais aos adolescentes que se tornam mães e pais de forma precoce. Além de trazer riscos à saúde do bebê e da mulher. Por isso, na atenção primária à saúde, os profissionais de saúde são orientados a realizar o atendimento de adolescentes, informando sobre os cuidados em saúde nessa fase da vida, além de disponibilizar, de forma gratuita, métodos contraceptivos (BRASIL, 2021).

Em contrapartida, em dados levantados pelo SINASC² e pontuados na segunda edição da Campanha Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência (SAUDE, 2021) houve uma diminuição de 55% de mães adolescentes no intervalo de tempo do ano 2000 ao ano 2019, em que no século XIX era comum crianças e adolescentes se casarem, não terem acesso à educação e serem privadas de outras funções além de gestarem e serem donas do lar.

Programas voltados ao planejamento familiar e à saúde da mulher, gestantes, adolescentes e métodos contraceptivos distribuídos gratuitamente, ofertados pelo SUS³ tiveram impacto significativo para esse avanço, assim como leis voltadas para crianças e adolescentes, resguardados no ECA⁴ para prevenir e garantir os direitos dos mesmos, direitos esses que mesmo em lei ainda são violados.

Chegamos a um ponto crucial, o Art. 217-A da lei 12.015/09 do Código Penal configura estupro de vulnerável, ter conjunção carnal ou praticar ato libidinoso com menor de 14 anos, mesmo com a permissão do mesmo, uma vez que este não tem capacidade suficiente de discernir o que realmente quer, já que está em um momento de construção e alteração psicológica e biológica.

Mas este crime raramente é imputado ou colocado em vigor, e por falta desse cumprimento se perpetua como algo naturalizado, aumentando, assim, o índice de gestações na infância e adolescência; gestações indesejadas; ocasionando abandono tanto pela família como pelo autor do crime, e elevando os altos índices de crianças sem uma figura paterna

² Sistema de Informação Sobre Nascidos Vivos

³ Sistema Único de Saúde

⁴ Estatuto da Criança e do Adolescente

presente ou até mesmo na certidão de nascimento, onde a obrigatoriedade de ter uma figura paterna em tal documento não garante a presença deste na vida dela.

O PSE⁵ foi desenvolvido como uma estratégia intersetorial entre saúde e educação, para debater, abordar e tratar da saúde pública individual desse público, com enfoque na prevenção a gravidez na adolescência. Mas como a nossa sociedade está entranhada de tabus, muitos deles voltados a essa pauta, a continuidade desses métodos e aplicação dos mesmos de maneira adequada tornou-se difícil. É onde surgem outras dúvidas: como um profissional que não tem a qualificação adequada e específica para trabalhar com esse público alvo, irá conseguir aplicar esse conhecimento extremamente necessário?

2.2 IST's: Uma responsabilidade de todos.

Devidamente pontuado o assunto anterior, iremos agora passar para outro ponto de extrema necessidade, as IST's na adolescência.

A transição entre a infância e a adolescência caracteriza-se pelas alterações aos níveis físico, psíquico e social.

As IST's são causadas por vírus, bactérias ou microrganismos, qualquer indivíduo está suscetível a infecção, em que dentre as mais comuns estão: sífilis, herpes simples, cancro mole, HPV⁶, linfogranuloma venéreo, gonorreia, tricomoníase, hepatite B e C e HIV⁷.

A IPEMED (2022) em um estudo recente tabulou a estimativa anual de transmissões de algumas infecções sexualmente transmissíveis mais comuns entre as crianças e adolescentes:

Tabela 1 – IST's NO BRASIL: Estimativas Anuais de Transmissões

GONORREIA	1.967.200
CLAMÍDIA	1.541.800
SÍFILIS	640.900
HPV ⁸	685.400
HERPES GENITAL	937.000

Complicações acarretadas por infecções sexualmente transmissíveis, são algumas delas:

- Tricomoníase: Infertilidade.
- HPV: Câncer.

⁵ Programa Saúde na Escola

⁶ Papilomavírus Humano

⁷ vírus da imunodeficiência humana

- Sífilis: complicações cardíacas e neurológicas.
- Herpes: Recidivas, mesmo com o tratamento

Uma pesquisa no ano de 2011 construiu um relato de experiência para publicar na revista *Enfermagem* (2011), a partir do qual foi possível observar que os grupos mais atingidos por essas transmissões são os que estão com alto índice de vulnerabilidade, nas periferias, moradores de rua, usuários de drogas, infratores, os que estão na grande massa das classes sociais baixas e os de extrema pobreza.

O diagnóstico precoce é de extrema importância para a eficácia do tratamento, mas deve ser prioridade as campanhas e acompanhamentos para prevenção, onde os serviços e tratamentos são oferecidos de maneira “gratuita” em serviços municipais e estaduais.

Como maneira de prevenção contra IST's, indica-se que a cada ano aumentem as campanhas de conscientização de indivíduos, já que os índices evidenciam uma alta substancial de indivíduos nessa faixa etária entrando na vida sexual ativa; um problema encontrado é que, como citado anteriormente, por motivos de crenças, conceitos, tabus, entre outras questões envolvidas em nossa sociedade, principalmente em nosso país, o nosso alvo citado não busca esse atendimento especializado por não ter esse diálogo em família, que por sua vez inicia práticas sexuais em segredo.

Acreditamos que os adolescentes por não se sentirem seguros em perguntar sobre o assunto com sua família, buscam tais conhecimentos em redes sociais, sites e em grande maioria entre colegas, não sendo estas fontes com por cento confiáveis e passam informações errôneas. A partir disso, mitos são creditados como verdades, onde o sexo seguro não é praticado e a preparação biológica e psicológica não está estabilizada.

Os adolescentes têm interesse pelo assunto, mas por se sentirem muitas vezes oprimidos pelos adultos os mesmos que deveriam resguardar e assegurar sua segurança, eles tendem a guardar para si suas dúvidas e a praticar da maneira que as fontes que eles têm acesso indicam.

Mitos como:

“O coito interrompido e a tabelinha são métodos seguros (esse também sendo presente em mulheres adultas).”; “não é possível engravidar na primeira relação sexual.”; “a virgindade está ligada à menstruação, em que se a mulher menstruar significa que já iniciou sua vida sexual.”; “masturbação diária e múltiplas vezes não é prejudicial.”; “drogas são estimulantes sexuais.”

Todas são afirmações perigosas com efeitos drásticos e impactos negativos.

2.3 Informação = Direito

O acesso à informação e a direitos também estão presentes nas buscas ativas nas UBS⁹ sobre métodos contraceptivos, em que os efeitos colaterais não são especificados e os riscos com seus usos contínuos também não são, fazendo com que a pílula anticoncepcional e as injeções anticoncepcionais sejam as mais utilizadas, mesmo havendo métodos mais seguros e menos invasivos, como o DIU¹⁰.

Todo adolescente tem o direito à informação de forma clara e de fácil compreensão. Sendo assim, é necessário o debate sobre relação sexual realizado de maneira adequada, com profissionais devidamente preparados.

Agora chegamos ao último ponto abordado nesse capítulo: abusos sexuais e estupro de vulnerável. Partindo da premissa de que falando em violência o nosso país está sempre entre os primeiros no ranking mundial. De acordo com o BRAZILIENSE (2021) em torno de 11 crianças são agredidas e negligenciadas por hora no Brasil, dentre elas estão violência física, psicológica e tortura, nessa ordem; mas antecedendo todas elas, está a violência sexual.

O gov.br (2020) citando dados de violência sexual contra crianças e adolescentes divulgados pelo Ministério da Saúde enfatizou que o ONDH¹¹ fez um levantamento em que ficou comprovado que em 73% dos casos é na casa da própria vítima, e em 40% dos casos é cometido pelo pai ou padrasto. Já o artigo do BRAZILIENSE (2021), evidencia que Luciana Temer destaca como uma grande dificuldade a resistência da sociedade em acreditar no papel da educação:

A escola precisa estar preparada para falar sobre violência com os alunos. Existe um mito de que a discussão sobre sexualidade não deve ser feita na escola, que questões sobre sexo devem ser discutidas em família. Agora, como você entrega o porquinho para o lobo tomar conta? Essa violência é muito intra-familiar. Não é uma exceção. É um problema gravíssimo. É um tema da família também, mas todo mundo deve proteger a criança (BRASIL, 2020).

No mesmo trabalho do BRAZILIENSE (2021) é evidenciado que o pesquisador Humberto Miranda destaca que os conselheiros tutelares ainda tem pensamentos e falas preconceituosas: “É muito comum a rede de proteção falar que foi culpa da menina. Isso é muito sério. A questão da violência sexual não é uma questão de fé, é uma questão que deve ser debatido a luz da política pública.”

Durante a pandemia, houve uma queda nas denúncias, mas isso não significa que diminuiram as agressões, pois pode-se analisar que essa diminuição ocorreu nos meses em

⁹ Unidade Básica de Saúde

¹⁰ Dispositivo de Introdução Uterina

¹¹ Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos

que as medidas de isolamento social estavam mais rigorosas, isso pode significar que a vítima estava quase que a totalidade do tempo com o(s) seu(s) agressor(es).

Fica evidente também que a rede de proteção diminuiu, uma vez que o acesso presencial às escolas não estavam havendo, as instituições de saúde estavam restritas e o contato com pessoas externas estava por muitos períodos de tempo inexistentes.

Mostrou-se de maneira gritante o impacto positivo das escolas no combate ao abuso sexual mesmo não sendo trabalhado de maneira obrigatória, onde os países mais desenvolvidos e com baixos índices de violência contra criança e adolescente e com a educação sexual introduzida nas escolas e debatidas de maneira adequada, reafirma a eficácia do seu ensino.

2.4 Fake News: Uma disseminação de ódio

É importante frisar que a educação sexual não é para se ensinar o ato sexual, mas sim para ensinar a auto defesa e o auto cuidado, educá-los e prepará-los para que assim possam identificar situações de risco.

Mas como podemos avançar no combate a todas essas violações, quando há na sociedade políticos e apoiadores que enfatizam que não se deve discutir sobre o tema nas escolas por afirmar que é uma função dos pais; mas repetindo-se a informação, já é comprovado que na maioria esmagadora dos casos, o agressor reside com a vítima ou tem convívio com a mesma; não é um crime com autor puramente desconhecido.

Apoiadores do então presidente compartilham dos mesmos pensamentos, explanando com falas grotescas, como Olavo de Carvalho que declarou em entrevista à Folha de São Paulo citadas na revista EDUCAÇÃO (2019), as seguintes afirmações:

“Quanto mais educação sexual, mais putaria nas escolas”.

Com todas as faltas devidamente apresentadas, dados mostrados, falas pontuadas, será que a educação sexual é realmente quem está fazendo mal?

Além de ser um dever do Estado e um direito da criança e do adolescente, uma obrigação garantir e resguardar a autonomia, segurança e desenvolvimento integral dos indivíduos em sua totalidade. E para isso, faz-se necessário os acessos às informações que devem ser ofertados obrigatoriamente, inclusive às famílias que têm colaboração de suma importância.

3 O TEMA EDUCAÇÃO SEXUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA E OS PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi escolhido trabalhar com uma amostra, para que por meio dela fosse possível coletar dados de embasamento para construir a discussão aqui abordada.

Sabemos que o Tema Transversal presente nos PCN intitulado de Orientação Sexual (o qual necessita de uma atualização, pois o tema não condiz com o trabalho proposto) no qual dentre os seis, exposto no Educação (2000) expõe com clareza a necessidade e as motivações para se trabalhar Educação Sexual desde os anos iniciais, mas que não é realizado por diversas razões, dentre as quais acreditamos que os mais comuns são: Os tabus, os preconceitos e a falta de conhecimento, dentre outras.

Notou-se falta de compreensão quanto ao tema desde o contato com os órgãos responsáveis, os quais assim como uma boa parcela da sociedade entendem o trabalho com a Educação Sexual como um trabalho com Orientação Sexual, sendo o último uma área a ser trabalhada com especialistas adequados, nessas circunstâncias, com psicólogos.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado uma entrevista semi-estruturada por dez perguntas, realizada com 8 professores/educadores de matemática da rede pública estadual de ensino básico no município de Monteiro-PB as quais serão abordadas durante as próximas seções do capítulo; a pesquisa é de caráter qualiquantitativo, na qual foram utilizadas como amostras as quatro escolas e os oito professores/educadores de matemática que fazem parte do corpo docente de suas respectivas escolas.

As escolas escolhidas foram: Escola Cidadã Integral José Leite de Sousa localizada na rua Wagner Augusto Bezerra Japiassu, 426 - Centro, Monteiro - PB; Escola Estadual de Ensino Médio João de Oliveira Chaves localizada na rua Sizenando Rafael, 665 - Alto Bela Vista, Monteiro - PB; Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Miguel Santa Cruz localizada na rua Presidente Getúlio Vargas, 61 - Centro, Monteiro - PB; Escola Estadual de Ensino Médio Bento Tenório de Sousa localizada no Sítio Santa Catarina, S/N - Zona Rural, Monteiro - PB.

Por razões de ética e segurança de imagem, a amostra foi utilizada de forma anônima, sendo assim, dado pseudônimos aos entrevistados e para analisarmos a amostra da pesquisa, utilizaremos de seções e subseções para discussões de cada ponto central existentes nas perguntas feitas durante as entrevistas.

.
.

Quadro 1 – Dados da Amostra Utilizada

PSEUDÔNIMO	DATA DA ENTREVISTA
A	24/10/2022
B	24/10/2022
C	25/10/2022
D	26/10/2022
E	27/10/2022
F	01/11/2022
G	01/11/2022
H	01/11/2022

Fonte: Elaborada pelo autor (2022)

Trataremos agora da apresentação das perguntas realizadas com os professores, as respostas obtidas e reflexões tecidas a partir da nossa análise.

A primeira pergunta foi elaborada para observar se há trabalhado os Temas Transversais.

1. Os Parâmetros Curriculares Nacionais chamado de PCN e a Base Nacional Curricular conhecida como BNCC, tem em suas estruturas seções voltadas para trabalhar conteúdos interligados a Temas Transversais. Durante a sua experiência dentro de sala de aula, já trabalhou com Temas Transversais? Se sim, quais?

O entrevistado A demonstrou conhecer os Temas Transversais, mas não evidenciou ter trabalhado com eles.

O entrevistado B afirmou ter trabalhado com os Temas Transversais voltados para saúde e meio ambiente.

O entrevistado C afirmou já ter trabalhado com projetos voltados aos Temas Transversais, mas que hoje não é tão existente quanto anteriormente, mas posteriormente demonstrou relapso quanto a compreensão do que seriam os Temas Transversais. Em seguida ele afirmou sempre trabalharem com os temas, pois concluiu dizendo que eles sempre estão “embutidos” e que são explorados com situações problemas. Evidenciou trabalharem com sexualidade, economia e meio ambiente.

O entrevistado D afirmou já ter trabalhado com os temas de meio ambiente e saúde e que durante sua docência dentro da disciplina de matemática já solicitou aos alunos que realizassem uma pesquisa voltada a questão de gestações de mulheres e suas faixas etárias.

O entrevistado E demonstrou não compreender o que seriam os Temas Transversais, afirmando já ter trabalhado com eles, mas dando uma definição de interdisciplinaridade trabalhadas com situações problemas.

O entrevistado F declarou que os temas transversais são abordados de maneira prática na escola, mas que alguns ficam mais voltados especificamente para outras discipli-

nas, o que ele vê como um erro, mas como a demanda da disciplina de matemática está mais voltada a resultados, em que muitas vezes quando preparam uma aula que trabalhe uma matemática contextualizada quando chegam na escola tem uma barreira, algo que evidenciou ser algo que não é restrito da direção e coordenação da escola, mas ‘ordens de cima’.

O entrevistado G afirmou que pelo fato da disciplina que ele ministra ser da área de exatas, ele nunca trabalha à não ser com questões mais diversificadas com relação aos temas, mas especificamente, não.

O entrevistado H disse já ter trabalhado com os Temas Transversais, como Consumo e Trabalho, mas em relação a Educação Sexual é mais voltado para biologia, mas quando o assunto surge em uma aula de matemática o professor deve estar preparado e falar um pouco pra não deixar os alunos sem a resposta, sempre que surgir e houver a necessidade de falar do tema.

A segunda pergunta foi voltada para análise da compreensão dos professores quanto aos Temas Transversais.

2. O que você compreende do assunto?

O entrevistado A afirmou ter boa compreensão do assunto, mas que aplicabilidade em sala de aula não é tão existente quanto ele acredita que deveria ser.

O entrevistado B demonstrou certa confusão quanto a compreensão dos Temas Transversais, no qual referiu-se a ser a prática que chamaríamos de interdisciplinaridade, afirmando ser a maneira de interligarmos a matemática a temas de outras áreas e fazer a conexão entre elas.

O entrevistado C pontuou como sendo importante, mas continuou dizendo que muitas vezes eles são deixados de lado por causa de cobranças programados para serem seguidos.

O entrevistado D declarou que a medida em que se vai desenvolvendo a disciplina de matemática, se é possível ir encaixando certos assuntos, pegando questões mais contextualizadas e que todas essas questões contextualizadas abrangem algum dos temas e que por meio de resolução de problemas podemos inserir temas como o meio ambiente, educação sexual, dentre outros.

O entrevistado E definiu Temas Transversais como ir além, não trabalhar a área de ensino de maneira isolada de aspectos de outras áreas, mas procurar dentro da matemática interligar ela com as outras áreas de forma que não “quebre” o conteúdo.

O entrevistado F destacou ter tido contato com os PCN a um tempo considerável, em que compreende que eles são parâmetros e não imposições, algo que considera um problema, especificamente os temas transversais declarou como interessantes, uma vez que

os docentes tem que formar cidadãos e não apenas alunos.

O entrevista G compreende como temas que saem tangenciando com a base comum, em que os professores estão acostumados com os conteúdos que são ditos como tradicionais nas escolas, mas que sabem que existem temas sociais a serem trabalhados nas escolas.

O entrevistado H compreende que os Temas Transversais são direcionados para apoiar os professores e dar suporte na BNCC, em que o professor de matemática dentro dos Temas Transversais pode seguir uma linha dentro da matemática, que dê para trabalhar conteúdos dentro desses parâmetros curriculares.

O terceiro questionamento foi idealizado para identificar o quantitativo dos professores que trabalha ou já trabalhou de alguma maneira com o tema Educação Sexual 3. Nos PCN são retratados seis Temas Transversais: Ética, Saúde, Orientação Sexual, Meio Ambiente, Trabalho e Consumo e Pluralidade Cultural, já trabalhou/trabalha de maneira transversal com o tema Educação Sexual?

O entrevistado A afirmou nunca ter trabalhado com o tema.

O entrevistado B afirmou nunca ter trabalhado com o tema

O entrevistado C afirmou já ter trabalhado em projetos escolares a um certo espaço de tempo atrás, mas em seguida disse ter havido trabalhado com sexualidade.

O entrevistado D afirmou nunca ter trabalhado especificamente com o tema

O entrevistado E utilizou-se de uma negativa direta e objetiva.

O entrevistado F afirmou não ter trabalhado com o tema e não se sentir capacitado para trabalhar com o mesmo.

O entrevistado G afirmou que não, em que declarou trabalhar com outros temas, como o meio ambiente.

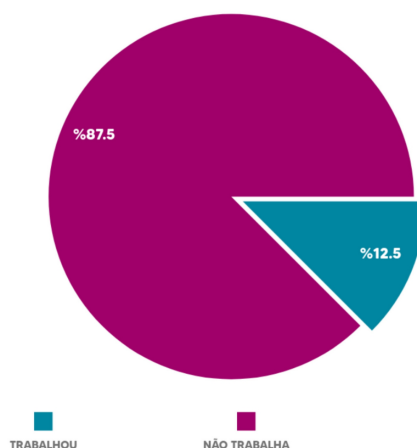
O entrevistado H afirmou nunca ter trabalhado com o tema.

O gráfico a seguir explana os dados por meio de porcentagem referentes ao trabalho com o tema educação sexual pelos professores/educadores de matemática, o qual delimitou a média que trabalha, já trabalhou de alguma forma direta ou indireta ou que nunca trabalharam com o tema.

.
.
.
.
.

Figura 1 – Professores de Matemática e a Educação Sexual

TRABALHO COM EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS



Fonte: Elaborada pelo autor (2022)

Um dos desafios encontrados durante a construção da pesquisa foi quanto a diferenciação entre Educação Sexual e Gênero e Sexualidade. Para resultados voltados ao fato citado, foi indagado a amostra sobre o seu entendimento quanto as duas áreas.

4. Diferencie o significado e a função de trabalho do tema Educação Sexual do tema Gênero e Sexualidade.

O entrevistado A demonstrou de maneira direta conhecimento quanto a diferenciação dos dois, na qual afirmou que Educação Sexual está voltado para saúde e informações úteis ao público e que Gênero e Sexualidade não deveriam ser tratados de maneira aberta dentro da sala de aula, deixou claro que a questão está na compreensão dos alunos quanto ao tema, que todos somos livres para escolher, mas que é um tema delicado.

O entrevistado B afirmou ter dificuldade em dar uma definição clara para os dois temas.

O entrevistado C definiu Educação Sexual como sendo o trabalho de orientação, mas não conseguiu explanar o que seria Gênero e Sexualidade.

O entrevistado D definiu a educação sexual como sendo um tema para ajudar o aluno a entender como a sexualidade em si funciona, como ele se comporta em relação ao seu corpo e com o de outras pessoas, já gênero e sexualidade ele declarou que como não tem domínio do conteúdo afirmou ser mais difícil para ele explicar e que acredita que a Educação Sexual esteja relacionado a sexualidade e ao ato sexual em si e o gênero e sexualidade em como o individuo se comporta e se vê.

O entrevistado E diferenciou a Educação Sexual como sendo o trabalho de educar

as pessoas no sentido da sexualidade e não abordar o sexo em ‘sexo’ em específico, mas falar sobre coisas que eduquem as pessoas nesse sentido.

O entrevistado F definiu Educação Sexual como área para tratar sobre atos sexuais, relações sexuais e questões hormonais; quando se fala de gênero é algo maior, algo que não envolve apenas uma questão de sexologia mas de psicologia.

O entrevistado G definiu o tema Sexualidade como sendo abrangente, já a Educação Sexual é para trabalhar educação com esse alunos.

O entrevistado H não desenvolveu uma diferenciação dos temas em sua resposta.

A quinta pergunta da entrevista foi para uma verificação de fatos, se os professores consideravam o tema importante ou não na sala de aula.

5. Sabemos que o tema abordado aqui já é previsto e resguardado nos PCN e na BNCC para ser abordado e trabalhado dentro das salas de aula, a você enquanto professor da Educação Básica o quanto considera necessário a abordagem do assunto nas salas de aula?

O entrevistado A afirmou ser bastante necessário a abordagem do assunto nas salas de aula, mas enxerga como uma dificuldade a questão da maturidade dos alunos, o qual necessitaria de um planejamento elaborado para ser trabalhado de maneira mais eficaz, sem brincadeiras e constrangimentos durante as aulas.

O entrevistado B declarou que, se está nos PCN e nos documentos que norteiam a educação é essencial, mas que acredita que o que dificulta em trabalhar em sala de aula, é que dentro dele tem separações em castas e que Educação Sexual tem que ser visto de maneira geral e que sendo assim, o que esbarra mais nos tempos modernos em que estamos é a questão de separar e olhar por castas, privilegiando umas em detrimento de outras.

O entrevistado C acredita ser importante tanto para o trabalho quanto para o comportamento que se deve ter frente as diferenças.

O entrevistado D acredita ser necessário, mas como professor de matemática não se sente confortável de trabalhar especificamente com o tema, por ser um assunto que não domina, mas que denominou como necessário com um profissional adequado, que domine mais o tema e não apenas no Ensino Médio, mas gradativamente desde que o aluno é inserido na escola até os anos finais.

O entrevistado E acredita ser importante, mas ser inviável ser trabalhado em aulas de matemática, em que evidencia que existem outras áreas que podem abordar o tema com uma enfase maior.

O entrevistado F acredita ser extremamente importante, mas que deve haver toda uma estrutura para trabalhar com esse tema, não apenas existirem ações isoladas, mas que sejam continuadas.

O entrevistado G considera de extrema importância, em que acredita ser necessário existirem disciplinas mais específicas para trabalhar, como a biologia ou as áreas de conhecimentos diversificados já existentes nas escolas técnicas e integrais, onde ele conclui dizendo ser possível ver que é muito importante para o dia a dia social do aluno e na formação dos mesmos enquanto cidadãos.

O entrevistado H declarou como bastante interessante, em que toda vida se deparou com alunos curiosos, em que muitas vezes se depara com desenhos nas bancas, com desenhos nas paredes, então ela acha que é uma maneira de expressar a curiosidade que eles tem, como não tem ninguém, um professor que trabalhe, a escola não um projeto que se trabalhe dessa forma, então seria bem interessante, porque a partir daí eles já poderiam conhecer e identificar o tema como uma coisa simples e corriqueira na vida de cada um.

Toda a amostra utilizada afirmou considerar o tema de extrema relevância e que deveria estar nas salas de aula, mas, em contra partida, no questionamento anterior todos afirmaram não trabalharem com o tema por não se sentirem confortáveis, por acreditarem que outra área de ensino se enquadraria melhor, ou se já tiveram algum tipo de contato com a temática na escola foi de forma indireta, por meio de ações e projetos elaborados para um determinado espaço de tempo.

Outro fator relevante são as gestações na infância e adolescência e o seu impacto negativo na vida do jovem, por isso, sentiu-se a necessidade de pesquisar sobre a frequência desse fato nas escolas, assim, sendo feita a seguinte pergunta.

6. Um dos fatos que mais acometem as nossas salas de aula são as gestações em crianças e adolescentes, acontecimento que acarreta na evasão escolar, troca pela EJA¹ ou a conclusão apenas do ensino base. Nos seus anos de docência com que frequência diria em que isso ocorre?

O entrevistado A afirmou não ter se deparado diretamente com tão situação, mas evidenciou ser uma realidade existente no ambiente no qual leciona.

O entrevistado B pontuou que em sua visão ultimamente tem aumentado de maneira notável os índices, os quais eram mais presentes nos anos finais do Ensino Médio, mas que é uma realidade que vem se tornando frequente no Ensino Fundamental II.

O entrevistado C declarou ser uma situação de bastante frequência, em que já se deparou com alunos inseridos desde o Ensino Fundamental II. Declarou que antes da pandemia de Covid-19 no ano de 2020 os casos eram em números mais elevados, em que algumas alunas chegaram a evadir da escola.

O entrevistado D declarou que a cada ano letivo enquanto professor do Ensino Médio se depara com uma ou duas alunas que engravidam e que durante seus anos de docência do Ensino Fundamental II também deparou-se com alunas grávidas, principalmente as que

¹ Educação de Jovens e Adultos

residiam nas zonas rurais, fato esse que acredita que pode ocorrer por questões culturais; enfatizou também que desde que começou a lecionar, não houve um único ano que não houvessem ao menos uma aluna gestante no início, meio ou final do ano letivo.

O entrevistado E descreveu haver muita frequência.

O entrevistado F declarou que por ter começado a lecionar no período pandêmico, não se deparou com as situações e os dois casos que ocorreram foram com alunas que já não eram do ensino regular.

O entrevistado G definiu como algo que frequentemente eles se deparam com alguns casos das alunas engravidarem durante o ensino base, em que alguns acabam evadindo da escola, mas que atualmente eles buscam incentivar essas alunas com atividades extra classes e assim algumas ainda retornam as salas de aulas.

O entrevistado H declarou que antigamente ocorriam bastante, índices elevados e que hoje ainda acontecem, mas que é o mínimo possível e que elas não evadem da escola, em que hoje elas tem o seu momento (licença maternidade), o apoio da coordenação pedagógica, os professores enviam as atividades com a introdução do conteúdo e que elas fazem a devolução do conteúdo e que quando é no tempo certo elas retornam para assistirem as aulas. evidenciou também que esses acontecimentos aconteceram do ano de 2019 pra o atual ano, 2022.

Como complemento da pergunta anterior, a próxima indagação foi relacionada as possíveis causas desse acontecimento de gravidezes dessas crianças e jovens.

7. Quais problemas/dificuldades você diria que são parcialmente/integralmente responsáveis de forma direta/indireta por essa realidade de evasão escolar pelo motivo de gestação?

O entrevistado A evidenciou como ponto principal a falta de informação, em que os alunos não tem acesso a elas e não sabem os meios de prevenção e a irresponsabilidade dos mesmos.

O entrevistado B acredita ser por questões particulares, podendo ser problemas voltados para o convívio dentro de suas casas, na qual ele afirma que há casos em que as alunas insistem em concluir o ensino, fazem as atividade de casa, mas outras não; reafirma acreditar que seja problemas na família, os quais ocasionam a desmotivação quanto aos estudos, em que a gravidez é o início de um novo ciclo, e assim desacreditam da possibilidade de agregar aos estudos.

O entrevistado C pontuou como causador dessas evasões motivos particulares, questões culturais e familiares; declarou haverem orientações e que não é a falta do saber, mas a questão de cuidados ou a questão de exemplos que veem em casa.

O entrevistado D acredita que a ocorrência desse fato seja uma questão familiar

do que uma questão escolar; evidenciou que não consegue definir o que leva a aluna a engravidar, se por um erro, a forma como ela foi criada ou porque ela realmente queria ou se foi um 'vacilo', mas que não tem como ela cuidar de uma criança e simultaneamente estudar, que se ela estuda a criança será cuidada por outra pessoa e que como mãe não estará fazendo o papel dela e se estuda também não tem como, porque é complicado criar um filho, principalmente quando pega uma faixa etária em que as meninas não tem uma estrutura familiar, não tem o apoio do pai da criança, o que interfere muito, que se o pai fosse mais frequente a menina conseguiria frequentar a escola enquanto o filho estaria sendo cuidado pelo pai; continuou dizendo que considera um erro pessoas nessa idade querendo ser mães e que esse é mais um problema familiar e a educação familiar, em que escola pode sim ajudar com as aulas usando os sistemas, disciplinas como biologia para ajuda e explicação de todo o assunto de Educação Sexual, mas que se a família não for estruturada, não conversar com a filha e com o filho, a escola não iria 'andar' muito. Concluiu dizendo que quando fala sobre gestação, não especifica apenas as meninas, mas também os meninos.

O entrevistado E pontuou como problemas uma má organização familiar e falta de educação voltada a esse sentido, mas principalmente da formação familiar recebida no início e não apenas na escola.

O entrevistado F definiu como fator relevante para esse contexto a falta de orientações, os pais não falarem sobre o assunto em casa por todo o constrangimento que é existente, a falta de um trabalho mais específico nas escolas, que nos últimos anos elas vem se ausentando mais, em que antes haviam palestras e que hoje não há.

O entrevistado G declarou que a falta de informações dificulta bastante durante a adolescência, que acarretam nessas consequências, onde as alunas acabam se dedicando a vida pessoal e deixando de lado a vida escolar.

O entrevistado H determinou como sendo uma questão de conscientização dos pais, que a escola recebe, acolhe, tudo o que a escola tem que fazer por uma aluna nessa situação, a escola está pronta para ajudar, mas muitas vezes elas se sentem desmotivadas no próprio lar, em que a família, os pais não incentivam e assim não havendo o apoio para continuar a estudar, em que gravidez não é doença, é um momento que elas podem ficar afastadas da escola e depois retornarem normalmente.

Uma casta bastante delicada a ser tratada pela Educação Sexual é o abuso sexual, então a pergunta seguinte foi elaborada para descobrir-se se a amostra já se deparou com algum episódio e se saberiam como reagir frente a um, caso acontecesse.

8. Em Dados do Ministério Público a UNICEF (2021) explanou pesquisas e investigações que apontam que o público alvo de abuso sexual são crianças com idade para estarem inseridas no Ensino Fundamental I e os jovens e adolescentes com idade para

estarem inseridas no Ensino Médio. Você já se deparou com uma situação envolvendo o contexto? Se sim, como reagiu? Se não, caso um dia se depare com essa situação, quais medidas você tomaria?

O entrevistado A apenas afirmou nunca ter havido se deparado com tal situação.

O entrevistado B afirmou nunca ter havido se deparado com uma situação envolvendo o contexto, mas declarou que se caso se deparasse algum dia, as medidas que tomaria enquanto professor seria o olhar diferenciado para o indivíduo, levando em consideração os traumas que levará consigo durante a sua vida, para que assim ele possa crescer e não ser sufocado dentro da escola, sendo alguém que já carrega uma grande carga na sua mente.

O entrevistado C disse já ter havido situações na escola que foram para investigações, mas que não foram confirmadas e que se caso se deparasse com um caso do tipo, enquanto professor, acionaria o conselho escolar para que esse tomasse as medidas cabíveis e se necessário acionar o Conselho Tutelar.

O entrevistado D disse nunca ter se deparado com nenhum caso em nenhuma das instituições que já trabalhou, mas declarou que se algum dia acontecer, a medida que tomaria seria denunciar, independente da pessoa estar ameaçando a criança de qualquer forma possível tem que ser denunciado, em que primeiramente falaria com a direção escolar para analisar as medidas a tomar.

O entrevistado E evidenciou nunca ter se deparado com uma situação envolvendo o contexto, mas se caso um dia vier a acontecer, enquanto professora, comunicaria a direção escolar para que daí em diante fossem tomadas as providências cabíveis, se for o caso chamar a polícia.

O entrevistado F evidenciou já ter se deparado com uma denuncia de uma aluna, mas que a informação nunca chegou a ser confirmada. Declarou que caso algum dia ocorra uma situação comprovada, primeiramente entraria em contato com os pais por se tratar de um assunto envolvendo um menor de idade, em que por se tratar de um assunto delicado a família deve estar ciente, em seguida indicar que busquem a polícia e se eles não aceitassem realizaria a denuncia.

O entrevistado G declarou nunca ter se deparado com uma situação envolvendo o contexto, mas caso um dia viesse a acontecer, veria com a coordenação pedagógica e levar aos tramites legais para ser visto o que poderia ser feito para ajudar a jovem.

O entrevistado H evidenciou já ter se deparado com a situação, casos que realmente aconteceram em que a direção tomando conhecimento entram em contato com a família, mas que em outros casos as alunas criam ou inventam e depois de se conversar com os pais eles são orientados a levarem ao médico, onde dentre esses casos já houveram situações em que a aluna criava a história. Foi deixado claro que, a maioria dos casos foram verdade, em que eram ocasionados por pais, tios, padrastos, avôs, primos, irmãos e entre outros.

Mas nesses casos foram chamados os pais e nunca houve a entrega ao Conselho Tutelar ou a Promotoria, em que entre a família e a escola se resolveu e a partir daí a família leva as instâncias maiores citadas anteriormente.

O acesso a informações seguras é o que gera a possibilidade de lidar com determinadas situações com cautela e prezando pela prevenção, frente a isso, a penúltima questão da entrevista foi para colher a opinião da amostra frente a possibilidade de contextualizar questões de matemática para sanar essas dúvidas e compartilhar conhecimentos seguros.

9. Acredita-se que um dos grandes indícios das contrações de IST's e das gestações indesejadas é a falta de conhecimento voltado para proteção individual e coletiva, conhecimentos esses sobre o próprio corpo; mitos como: Não é possível engravidar durante a primeira relação Sexual, Só é possível contrair IST's pelo ato de penetração; coito interrompido é um método eficaz (esse sendo presente entre mulheres adultas). Você acredita ser possível trabalhar esses assuntos em uma aula de matemática?

O entrevistado A acredita que por meio de um planejamento se é possível trabalhar por meio da matemática, mas reafirmou a dificuldade envolvendo a realidade dos alunos e as complicações devido a maturidade deles.

O entrevistado B afirmou ser possível trabalhar os conteúdos por intermédio da matemática, onde por meio da estatística ser possível trabalhar esses temas.

O entrevistado C que talvez fosse possível trabalhar por meio da matemática, mas que sem aprofundamento, em que seria mais cabível ser trabalhado com as áreas das ciências como biologia.

O entrevistado D acredita ser possível trabalhar o contexto em uma aula de matemática, mas não em qualquer aula, que deveria ser planejada com um assunto específico de matemática que encaixasse com essa temática.

O entrevistado E mas uma vez foi bem direto ao afirmar não acreditar ser possível trabalhar com tais assuntos em uma aula de matemática.

O entrevistado F acredita ser mais fácil trabalhar o assunto com um aulão por meio de interdisciplinaridade com a disciplina de biologia, mas que especificamente com matemática há uma dificuldade, mas pontuou sobre as potencialidades com questões contextualizadas com estatística e probabilidade por exemplo.

O entrevistado G acredita ser possível, em que se pode pegar o tema e trabalhar com dados estatísticos; quantos casos existem nas nossas cidades, nos nossos estados e até em nosso país.

O entrevistado H acredita ser possível, já que atualmente os professores já trabalham com interdisciplinaridade, então sendo assim, sendo viável para qualquer outro professor, não apenas os de matemática, desenvolver projetos que abordem o tema.

Para encerrar a entrevista, um questionamento sobre qual descrição daria para o tema Educação Sexual.

10. Por fim, no contexto geral, como descreveria em suas palavras o tema abordado?

O entrevistado A definiu como muito importante abordar o tema, se embasando no fato de terem casos na escola e em outras também, que a falta de acesso as informações tanto nas escolas quanto em suas casas impactam diretamente em forma de gestações indesejadas, não planejadas, nas contrações de IST's, por fim concluiu pontuando a importância do papel dos pais em também orientarem seus filhos.

O entrevistado B declarou que baseando-se por as perguntas feitas durante a entrevista, percebeu que é um tema que aborda a saúde, que inicialmente pensou ser algo mais amplo; afirmou ser de fundamental importância haver na escola, em que ele acredita que alguns já são trabalhados na escola, mas que não por meio da matemática; declarou também não acreditar que os alunos tenham a imaturidade de ainda acreditarem nos mitos citados na pergunta anterior, mas que as vezes essa visão pode ser superestimada; frisou a cautela que deve haver ao trabalhar com alunos do Ensino Fundamental II pela questão familiar, mas que não se pode fechar os olhos e que o Ensino Médio é um “terreno fértil” para se trabalhar.

O entrevistado C enxerga o tema como muito importante, o qual precisa ser tratado, pois assim os alunos seriam mais cientes quanto aos cuidados como seus corpos, modos de agir perante a tentativa ou o abuso sexual.

O entrevistado D definiu que, de forma bem sucinta, é um tema complicado porém necessário, que deve ser necessário, que é um tema que vai ajudar os jovens, desde que seja trabalhado com os temas bem determinados, porém que é bem trabalhoso fazer isso, principalmente quando pensa nos Temas Transversais é como se desse para a escola todo o peso de ensinar tudo, até coisas familiares que a criança deveria aprender no seio da família, é como se a escola devê-se resolver, devê-se ensinar, pois muitas vezes a escola deixa de tratar de assuntos da competência da escola para tratar de assuntos de competência da família.

O entrevistado E definiu como a busca para conscientizar as pessoas em relação a tudo que envolve sexualidade.

O entrevistado F descreveu a Educação Sexual como uma educação relacionada com o amadurecimento do ser, em ele se conhecer mentalmente e fisicamente, em que toda mudança que passamos no período de amadurecimento corporal na fase de criança, adolescência, para fase adulta, requer consciência das mudanças, o porque elas ocorrem e como podemos enfrenta-las; concluiu seu argumento pontuando que a educação sexual vem para orientar e guiar para adquirir conhecimentos das mudanças que passamos ao longo do tempo e que ela não é um incentivo a prática sexual, mas é uma maneira de

nos conhecermos e entendermos que temos mudanças hormonais que são naturais além de orientar e conscientizar dos impactos positivos/negativos em escolhas que possam ser feitas relacionadas as áreas trabalhadas pelo tema.

O entrevistado G descreveu a Educação Sexual trabalhada com jovens de grande relevância, que abordando o tema junto aos alunos com idades entre 15 e 18 anos que ainda estão em formação, e que não tem uma mentalidade pronta, ainda há coisas a se trabalhar. O que pode ser feito é continuar trabalhando dentro desse tema específico, contextualizar algumas questões que possam contribuir com esses estudantes e principalmente com a biologia que ajuda bastante a trabalhar com esse tema.

O entrevistado H definiu como significativo, que se trabalhasse diretamente na escola, e que se assim fosse provavelmente não teríamos tantos problemas como os que nos deparamos hoje, como as doenças sexualmente transmissíveis, as gravidezes e que se existissem um projeto ou uma disciplina na parte diversificada seria uma ajuda relevante não apenas para as meninas, mas para os meninos também.

3.1 Análise da pesquisa

A pesquisa trouxe resultados já esperados, mas que necessitavam de uma comprovação dos fatos. Por meio das entrevistas, observação das reações e do todo existente no ambiente, foi possível deparar-se com a falta de compreensão integral dos Temas Transversais com ênfase no tema educação sexual (ainda levando o nome de orientação sexual, o qual difere da sua função elaborada para ser trabalhada nas escolas). Na maioria dos casos a amostra não conseguiu diferenciar o tema Educação Sexual de gênero e sexualidade.

A abordagem do tema faz-se necessário com efeito imediato. Na cidade utilizada como sede da amostra é possível notar o impacto em especial das gestações na infância e adolescência apenas andando pelas ruas, onde o Conselho Tutelar não é acionado, as UBS fazem o acompanhamento e o planejamento familiar (situação irônica) e as escolas continuam seu funcionamento normalmente.

É um ilógico que durante toda a pesquisa todos concordarem que o tema é necessário ser abordado, mas admitam não trabalharem como o mesmo, por vezes com a justificativa de se enquadrar com disciplinas de ciências da natureza, mas se a responsabilidade sempre for repassada para o próximo, como iniciar o trabalho integral? Educação Sexual é uma questão de saúde pública, obrigação do Estado, mas um dever de todos.

4 EDUCAÇÃO SEXUAL E ENSINO DE MATEMÁTICA: UMA LIGAÇÃO POSSÍVEL?

A matemática é uma das áreas mais sociais e por meio dela que podemos pesquisar, analisar, interpretar, descobrir e apresentar dados, em que através de todos esses procedimentos se é possível trabalharmos em cima dos conhecimentos adquiridos. É por meio dela que podemos compreender o universo e observar as interações sociais e que por todas essas razões a matemática deveria passar a ser executada da maneira mais social possível, interligada ao nosso cotidiano, ao nosso dia a dia, até porque ele está literalmente presente em tudo que nos rodeia.

Ao discorrer sobre o tema Educação Sexual e sua possível ligação entre ela e a Educação Matemática, nos deparamos com problemáticas desde o princípio da compreensão do tema, passando pelo distanciamento do ensino de matemática da realidade dos indivíduos tanto dentro como fora das salas de aulas, em que seus conteúdos em grande maioria são passados para os alunos distante de suas realidades, transparecendo assim, estarem fora do seu alcance.

Para iniciarmos, é importante salientarmos a dificuldade de compreensão voltado para o tema Educação Sexual, em que seu significado e foco de trabalho muito se é difundido com gênero e sexualidade, em que o primeiro está voltado para o autocuidado e o cuidado com o coletivo o qual já é descrito na BNCC na oitava competência (RICO, 2021) em que pontua as Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Linguagens como áreas de contribuição, mas salientando:

Mesmo o planejamento de matemática pode incluir, intencionalmente, o estímulo a autoconfiança do aluno. Para isso, é necessário quebrar a imagem clássica da área, vista como complexa e difícil para a maioria, para fazer com que crianças e jovens se percebam capazes de superar esse desafio, mesmo que em ritmos diferentes, e resolver problemas (RICO, 2021).

Já o segundo é um tema que deve ser devidamente trabalhando com profissionais da saúde como os psicólogos, por se tratar de questões relacionadas ao psicológico, biológico, o descobrimento do próprio “eu” existente em cada um de nós.

Uma das maiores problemáticas no nosso país hoje é que além do tema não ser trabalhado nas escolas, discutido abertamente e ter leis rigorosas voltadas para a defesa do mesmo, é a falta de materiais acadêmicos para discussão dos temas; MARTINI (2016) citando A Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2011) começa parafraseando:

[...]o diálogo é o compromisso profundo de amor com os homens e a vida, sendo este amor um ato de coragem em pronunciar a liberdade aos oprimidos, não como manipulação e sim, gerador de outros atos de liberdade.[...]para o educador humanista o diálogo ocorre com os

saberes compartilhados, problematizados, onde o conteúdo programático é mediatizado pelo professor em uma relação de A com B, ou seja, o aluno passa a ser sujeito da ação concreta, transformado(r) na realidade com outros homens, por meio de uma educação dialógica (MARTINI, 2016, p.4).

É possível encontrar artigos que debatam sobre as áreas a serem trabalhadas na Educação Sexual, mas esses separadamente; encontra-se artigos para a defesa do tema dentro das salas de aula, mas algo vago, onde a busca por coletâneas maiores como livros são de difícil acesso.

Nessa mesma linha de fatos, também temos essa confusão entre Educação Sexual e Gênero e Sexualidade até mesmo na busca de material de estudo, em que ao se buscar por um se depara com o outro, o qual as vezes é possível definir pelo título, mas outras vezes só iniciando a leitura, o qual só evidencia mais essa problemática; os próprios PCN¹ em seus Temas Transversais mantém em sua última versão Educação (2000) o título de Orientação Sexual, em que a discussão elaborada para o tema não se enquadra para o nome dado.

Durante a pesquisa bibliográfica foram encontrados dois livros que se encaixavam para a abordagem do tema, o primeiro de Louro (2018) e o segundo de Haffner e Cöhnen (2005), mas ao dar início a leitura, tanto a obra mais antiga quanto a mais recente discutiam mais as mudanças biológicas naturais do que os assuntos esperados para o trabalho com a Educação Sexual, sendo assim, trabalhos mais voltados para biologia do que para a função social que espera-se ser debatida e trabalhada.

É evidente a falta de material que aborde e discuta acerca da defesa desse conteúdo dentro das nossas escolas e das nossas salas de aula, em que essa relutância foi encontrada durante a própria pesquisa, em que ao optar-se a trabalhar diretamente com uma amostra de alunos, as entidades educacionais responsáveis por essa “permissão” se opuseram com justificativas de que não era o ambiente a ser tratado tal conteúdo, onde se foi evidente a falta de entendimento tanto da necessidade quanto do tema, já que assim como a maioria estavam compreendendo como um estudo de gênero e sexualidade.

Bom, chegamos aqui a um ponto importante: Mas como é possível trabalhar Educação Sexual em uma aula de matemática? Pois bem, vivemos em uma sociedade em que os fatos por si só falam mais do que palavras e é isso que a matemática faz, utiliza-se de fatos para contextualizar questões, podendo abordar os mais variados temas e assim, por meio de dados verídicos e seguramente comprovados trabalharmos esses assuntos e repassar esses conhecimentos, assim, simultaneamente conscientizando esses indivíduos, dando a eles o acesso a informações que lhes é de direito.

Durante a pesquisa com os professores/educadores foi citado o trabalho com

¹ Parâmetros Curriculares Nacionais

resolução de problemas, uma prática extremamente promissora e de resultados positivos, a contextualizações de questões e como áreas da matemática para trabalhar a estatística, a probabilidade e a porcentagem (essa sendo presente desde o Ensino Fundamental II), mas há possibilidades infinitas de abordar os assuntos. Como sabemos, a matemática não é finita, ela sempre está sendo descoberta e redescoberta, não há apenas um método para se utilizar e é por meio dela que podemos evoluir na ciência, no meio ambiente, na economia e é claro, na Educação.

Pode-se produzir questões contextualizadas para o tema em que se pode utilizar da análise de gráficos, estatística, probabilidade, porcentagem, frações, as quatro operações básicas, dentre outros, conteúdos esses que já são retratados nos PCN evidenciados nos pontos para tratamento da informação, inseridos em seus volumes preparados para tratar separadamente de cada área de conhecimento, em que alguns desses conteúdos já podem ser introduzidos durante o Ensino Fundamental I e II e não apenas com turmas do Ensino Médio, pois uma das dificuldades que se encontra é justamente quanto a aplicação desse conhecimento com alunos com idade entre 10 e 14 anos; É sempre bom ressaltar que todo aprendizado deve ser aplicado com toda cautela, respeitando o tempo e mentalidade individual e coletiva de cada grupo.

A LDB Lei de diretrizes e bases da educação nacional faz menção a importância da família e do estado coexistirem em harmonia na busca de consonância quanto a formação do indivíduo, (FEDERAL, 2017)

Dos Princípios e Fins da Educação Nacional Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho(BRASIL, 2017, p.8).

O Ministério da educação (BÁSICA, 2010) na resolução de Nº 7, de 14 de dezembro de 2010, fixou as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos.

Parágrafo único. As escolas que ministram esse ensino deverão trabalhar considerando essa etapa da educação como aquela capaz de assegurar a cada um e a todos o acesso ao conhecimento e aos elementos da cultura imprescindíveis para o seu desenvolvimento pessoal e para a vida em sociedade, assim como os benefícios de uma formação comum, independentemente da grande diversidade da população escolar e das demandas sociais. [...]Art. 5º O direito à educação, entendido como um direito inalienável do ser humano, constitui o fundamento maior destas Diretrizes. A educação, ao proporcionar o desenvolvimento do potencial humano, permite o exercício dos direitos civis, políticos, sociais e do direito à diferença, sendo ela mesma também um direito social, e possibilita a formação cidadã e o usufruto dos bens sociais e culturais. § 1º O Ensino Fundamental deve comprometer-se com uma educação com qualidade social, igualmente entendida como direito humano(BRASIL, 2010, p.1).

Nos PCN no Nacionais (1998) orientam que:

Os conteúdos do bloco Tratamento da Informação podem ser explorados em projetos mais amplos, de natureza interdisciplinar, que integrem conteúdos de outras áreas do currículo, como a História e a Geografia, além da Matemática e os temas como Saúde e Meio Ambiente. O tema Trabalho e Consumo, por exemplo, é um bom eixo para articular um desses projetos, uma vez que esse assunto é de grande interesse dos alunos, principalmente os de quarto ciclo, que começam a tomar algumas decisões em relação ao seu encaminhamento profissional. [...] O objetivo do projeto pode ser o de fazer um levantamento estatístico sobre a oferta de empregos, os salários de algumas profissões e discussões sobre alguns aspectos relacionados ao Trabalho. Para estimular o debate pode-se propor aos alunos que reflitam e pesquisem sobre questões como: a “relação entre trabalho e conhecimento”; “a necessidade de especialização no mundo moderno”; “a influência da informática no aumento da taxa de desemprego” e “as contribuições que a Matemática pode oferecer para a formação de um cidadão para o mundo do trabalho”(BRASIL, 1998, p.138).

Os PCN fazem referência ao quadro atual do Ensino de Matemática no Brasil e destaca que:

Entre os obstáculos que o Brasil tem enfrentado em relação ao ensino de Matemática, aponta-se a falta de uma formação profissional qualificada, as restrições ligadas às condições de trabalho, a ausência de políticas educacionais efetivas e as interpretações equivocadas de concepções pedagógicas. [...] No entanto, muitos esforços vêm sendo empreendidos para minimizar esses problemas. Alguns com bastante sucesso, como os que acontecem em escolas que têm elaborado projetos educativos de modo a que contemple os interesses e necessidades da comunidade(BRASIL, 1998, p.21).

Tratando-se do Brasil como um todo e em específico da cidade de Monteiro-PB, percebemos o tema Educação Sexual como sendo de extremo interesse e necessidade para a comunidade local.

Uma possibilidade interessante que temos a partir dos documentos oficiais é trabalhar com projetos. O professor de matemática poderá trabalhar em suas aulas abordando tais conteúdos matemáticos de modo a oferecer subsídio a um projeto interdisciplinar maior interligado a outros componentes curriculares os alunos poderão elaborar pesquisas, estruturar dados e construir gráficos abordando diversos tópicos relativos ao tema Educação Sexual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados, podemos considerar os temas transversais como aspectos de relevância imensurável na construção do indivíduo autônomo e participativo dentro da sociedade na qual está inserido, com total plenitude e discernimento frente aos seus direitos e deveres, para que enquanto sujeito de responsabilidade do estado possa construir conhecimentos para se tornar um cidadão adulto independente.

A educação sexual vem como norteador, orientador, um capacitador de grande potencial para mudanças no quadro geral de dados e probabilidades nas estatísticas, em questões que impactam diretamente o individual e o coletivo, ela vem como uma ‘ferramenta’ para ser utilizada em um ambiente seguro, possibilitando o acesso à informações que corriqueiramente ainda são dificultadas por diversos motivos, dentre eles os mais fortes são os preconceitos e as visões errôneas quanto ao tema.

É importante salientar que: Educação sexual e orientação sexual são temas que estão interligados, mas não são a mesma coisa, o primeiro pode/deve ser trabalhado de maneira contextualizada, integralizado ao ensino básico comum seja dentro das salas de aulas ou com projetos dentro das escolas, em que o adequado seria torna-lo assunto cotidiano e não apenas uma ação isolada, enquanto que o segundo deve ser trabalhado por profissionais qualificados na área, uma vez que não se referem apenas ao biológico, mas está diretamente interligado ao psicológico.

Durante a pesquisa foi possível demonstrar que os professores de matemática das escolas da educação básica do município de Monteiro-PB não trabalham com o tema, em que quando salientaram já terem tido contato com o tema ressaltaram ter havido por meio de ações isoladas realizadas nas escolas, onde eles participaram de modo indireto como equipe colaboradora, ações essas que destacaram haver certo tempo que não ocorriam mais; a maioria dos entrevistados justificaram não trabalhar com o tema por considerarem como um assunto que se enquadraria com conteúdos da disciplina de biologia.

Chegamos a um ponto importante do nosso trabalho; lidamos com as dificuldades dos nossos alunos se conectarem com o Ensino de Matemática, justamente por esses serem inseridos nas escolas distante das realidades do público alvo, em que os transtornos ocasionados por essas ‘faltas’ acompanham esses indivíduos em grande maioria por toda sua vida.

Então podemos nos perguntar: Por que ignorarmos o potencial do ensino de matemática como uma área social? Sim, a matemática como conhecimento colaborador de práticas sociais! Se analisarmos e partirmos da premissa de que a matemática está em tudo, começaremos a entender que por meio dela podemos contextualizar os mais diversos

assuntos do dia a dia.

Assim como foi necessário usarmos de dados estatísticos e porcentagens para construção dessa pesquisa, pode-se utilizar-se dos mesmos para contextualizar questões sobre o assunto, não apenas com essas duas áreas da matemática, como também por meio de gráficos, tabelas, frações, até mesmo as quatro operações básicas.

REFERÊNCIAS

- BÁSICA, E. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. **Fixa as Diretrizes**, 2010. Citado na página 37.
- BRAZILIENSE, C. Violência invisível: 11 crianças são agredidas ou negligenciadas por hora no brasil. **Brasil**, may 2021. Citado na página 20.
- EDUCAÇÃO, R. Educação sexual nas escolas diminui doenças e gravidez precoce. **Brasil**, nov 2019. Citado na página 21.
- EDUCAÇÃO, M. da. Parâmetros curriculares nacionais: A apresentação dos temas transversais e ética. **Brasil**, v. 8, 2000. Citado nas páginas 22 e 36.
- ENFERMAGEM, R. M. de. A educação em saúde junto aos adolescentes para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. **Brasil**, v. 15, n. 4, oct 2011. Citado na página 19.
- FEDERAL, S. Ldb lei de diretrizes e bases da educação nacional. **Secretaria de Educação e Publicações Coordenação de Edições Técnicas**, p. 63, 2017. Citado na página 37.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. rev. e atual. **Rio de Janeiro: Paz e Terra**, p. 95–101, 2011. Citado na página 35.
- FREITAS, M. V. P. de; SANTOS, F. R. dos. Gravidez na adolescência: um problema de saúde pública no brasil. **Revista da Jornada de Pós-Graduação e Pesquisa-Congrega Urcamp**, v. 16, p. 227–232, 2020. Citado na página 17.
- GOV.BR. Ministério divulga dados de violência sexual contra crianças e adolescentes. **Brasil**, may 2020. Citado na página 20.
- HAFFNER, D. W.; CÖHNEN, I. S. **A criança ea educação sexual**. [S.l.: s.n.], 2005. Citado na página 36.
- HAMZE, A. Os temas transversais na escola básica. **UOL**, 2022. Citado na página 16.
- IPEMED. Infecções sexualmente transmissíveis na adolescência (ists). **Brasil**, mar 2022. Citado na página 18.
- LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. [S.l.]: Autêntica, 2018. Citado na página 36.
- MARTINI, C. J. A abordagem do tema educação sexual em sala de aula: juntos ou separados. **Educação em Foco**, n. 08, p. 01–12, 2016. Citado na página 35.
- MINAYO, M. C. d. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. In: **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. [S.l.: s.n.], 2014. p. 407–p. Citado na página 14.
- NACIONAIS, M. P. C. Matemática terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. **Secretaria de Educação Fundamental–Brasília: MEC/SEF**, 1998. Citado na página 38.

RICO, R. Competência 8: Autoconhecimento e autocuidado. **Associação Nova Escola**, 2021. Citado na página 35.

SAUDE, M. da. Governo federal realiza segunda edição da campanha nacional de prevenção da gravidez na adolescência. **Brasil**, jan 2021. Citado na página 17.

UNICEF. Nos últimos 5 anos, 35 mil crianças e adolescentes foram mortos de forma violenta no brasil, alertam unicef e fórum brasileiro de segurança pública. **Brasil**, oct 2021. Citado nas páginas 16 e 30.